

## A REALIZAÇÃO DA ADITIVA “E” EM TEXTOS TÉCNICOS E JORNALÍSTICOS<sup>1</sup>

*Elisete Maria de Carvalho MESQUITA<sup>2</sup>*

**Resumo:** *Com base em enunciados efetivamente realizados, este artigo objetiva mostrar o alto valor polissêmico da aditiva E no Português contemporâneo do Brasil.*

**Palavras-chave:** *conjunção; aditiva; gramática; uso.*

### Considerações iniciais

Os elementos capazes de estabelecer qualquer tipo de conexão costumam adquirir papel de destaque em variadas propostas de análise lingüística. As conjunções tanto as subordinativas como as coordenativas fazem parte desse rol de elementos conectivos e, como tais, são alvo de diversos estudos. No entanto, apesar da grande variedade de pesquisas sobre esses elementos conectivos, pode-se dizer que ainda existem muitas controvérsias entre os pesquisadores no que diz respeito à classificação e, conseqüentemente, ao número de conjunções representantes da coordenação na língua portuguesa. Além disso, muitos dos estudos realizados sobre as coordenativas não fazem justiça à riqueza semântica de algumas dessas conjunções, cujos valores vão muito além daqueles apresentados.

Pensando na variedade de conotações que algumas conjunções coordenativas podem assumir, este estudo pretende analisar a mais representativa conjunção coordenativa do português, pelo menos quando se considera o critério freqüência: **a aditiva E**. A partir de tal análise, objetiva-se mostrar os diversos valores incorporados pelo

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da tese de doutorado intitulada “As legítimas conjunções coordenativas do português contemporâneo”, concluída em 2003 pela UNESP/Araraquara-SP e financiada pela FAPESP.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora do Instituto de Letras e Lingüística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia-MG – Brasil – Endereço eletrônico: elisete.mesquita@gmail.com.

elemento conectivo em questão. Valores esses que contribuem para que esse elemento receba o título de **coordenador puro** por Quirk *et alii* (1985), por exemplo, dentre várias outras denominações que comprovam ser E uma conjunção altamente polissêmica.

Para a análise proposta, pretende-se ter como suporte teórico diferentes gramáticas do Português.

## 1. A conjunção aditiva E

Pode-se afirmar que E é um item gramatical totalmente dinâmico e produtivo, posto que é empregado com frequência extraordinária – caso seja comparado com outros elementos de inventário aberto<sup>3</sup>, por exemplo –, sendo, inclusive, usado em variados tipos de contextos e, exercendo funções múltiplas. Tal verdade faz com que a conjunção coordenativa E seja, indubitavelmente, considerada a conjunção coordenativa prototípica<sup>4</sup> em muitas línguas, incluindo-se, logicamente, o Português. Desse modo, tinha-se a certeza, desde a proposta inicial de trabalho, de que se lidaria com um percentual relativamente elevado de elementos gramaticais. Os números registrados, no *corpus* analisado (ver nota 5), pela conjunção coordenativa E comprovam que a classe **conjunção** é, realmente, muito recorrente, ocupando posição privilegiada quando comparada com outros elementos gramaticais, como já mencionado.

A importância adquirida pela conjunção coordenativa E, ao longo da própria existência da língua, e as variadas funções verificáveis no uso de tal elemento lingüístico contribuem para que ele receba denominações como: **conjunção coordenativa polivalente, conjunção plena, coordenante puro**, dentre várias outras terminologias ado-

---

<sup>3</sup> Borba (1971, p.35) diz que “quanto maior é a implicação gramatical da classe, maior a probabilidade de ocorrência, pois as classes gramaticais são conjuntos finitos. Quanto maior valor lexical tem a classe, mais específica e menor também será sua frequência”. Isso explica o alto número de elementos como as **conjunções**, as **preposições** e os **artigos** em textos produzidos pelos falantes de uma determinada língua.

<sup>3</sup> Michaelis (1998, p. 1718) assim define o termo **protótipo**: “o exemplar mais exato, de maior perfeição.” A definição apresentada por Abreu (1997, p. 20) é ainda mais esclarecedora: “elementos prototípicos são aqueles que estatística e probabilisticamente apresentam o maior número das mais importantes propriedades/peculiaridades características da categoria.”

<sup>4</sup> As abreviaturas que aparecem entre parênteses após cada exemplo referem-se ao tipo de texto e à variedade lingüística em que o enunciado está inserido. Desse modo, L.T, L.J., P.B., P.E., correspondem, respectivamente, à Literatura Técnica, à Literatura Jornalística, ao Português Brasileiro e ao Português Europeu, *corpus* no qual este estudo se baseia.

tadas. Tais denominações revelam, na verdade, a verdadeira essência que um item gramatical deve possuir para que receba o título de **conjunção**: atuar em qualquer nível de organização textual, do mais simples ao mais complexo.

A pequena amostra abaixo, selecionada a partir do universo coordenativo analisado, mostra que, indubitavelmente, a aditiva E é um dos elementos responsáveis pelo estabelecimento de diferentes sentidos aos enunciados dos quais faz parte:

01) A partir de 1988, o governo federal passou a destinar mais dinheiro para os governadores **E** prefeitos. (L.J. – P.B.)<sup>5</sup>;

02) Podemos citar o cefazaflur **E** a cefmetazol e a cefotima, todos de uso exclusivamente parenteral e ainda em fase de investigação (L.T. – P.E.);

03) Suponhamos que se trate dos restos de uma casa, apresentando duas bases de muros em pedra e, no seu interior, grande quantidade de argila, reboco **E** cerâmica. (L.T. – P.B.);

04) Na verdade, como o trabalho de Leroi-Gourhan permite constatar, pode ler-se o fabricante de ferramentas, através da analogia etnográfica, também como usuário da linguagem, graças a certas oposições básicas do pensamento primitivo, como natureza e cultura, masculino **E** feminino e assim por diante. (L.T. – P.B.);

05) As ânforas romanas eram vasos recipientes cerâmicos, variando entre 40 **E** 110 centímetros de altura, destinados ao transporte a longa distância de vinho, azeite e condimentos alimentares, com capacidade entre 10 e 90 litros. (L.T. – P.B.);

06) Apesar desta discrepância observada na matéria-prima, os extratos obtidos do mangue analiticamente comparam-se aos da acácia, com teor de tanino em torno de 40% **E** 20% de substâncias não tanantes. (L.T. – P.B.);

07) No dia 10, um grupo de policiais, chamado pelos vizinhos, prendeu Francisco **E** libertou suas prisioneiras. (L.J. – P.B.);

08) Muitos recebem o dinheiro público, mas não terminam o estudo, outros aproveitam – **E** como aproveitam – e passam a morar por lá. (L.J. – P.B.);

09) Pelo projeto, o novo tributo terá suas alíquotas fixadas pelo

<sup>5</sup> As abreviaturas que aparecem entre parênteses após cada exemplo referem-se ao tipo de texto e à variedade lingüística em que o enunciado está inserido. Desse modo, L.T, L.J., P.B., P.E., correspondem, respectivamente, à Literatura Técnica, à Literatura Jornalística, ao Português Brasileiro e ao Português Europeu, *corpus* no qual este estudo se baseia.

senado. isso é uma mudança **E** tanto. (L.J. – P.B.);

10) Por outro lado, **E** como reverso dessa humanização do universo material, ocorre uma reificação (coisificação) das relações sociais, uma alienação da vida social na esfera natural. (L.T. – P.B.);

11) Houve um princípio de tumulto e, no final, os policiais concordaram com as exigências por melhor tratamento. “o PC está lá na maior moleza, andando de carro importado. **E** eu, que sou apenas a testemunha, estou aqui andando em carro de polícia”, desabafou o piloto. (L.J. – P.B.);

12) Sobre o Peru, afirmou que os militares estão “ajudando o presidente Fujimori a consolidar o regime e restaurar a economia peruana”. **E** arrematou falando do Brasil: “quando nós temos problemas sérios, são sempre as forças armadas que são chamadas a resolvê-los”. (L.J. – P.B.);

As primeiras ocorrências (01 a 07) mostram como a aditiva **E** pode se apresentar reduzida de maiores complexidades. Nesses casos, a conjunção é a grande responsável pela união de partes curtas e simples dos enunciados (termos): **governadores E prefeitos; o cefazaflur E a cefmetazol; reboco E cerâmica; masculino E feminino; 40 E 110; 40% E 20%**.

Na ocorrência (07), embora **E** estabeleça a ligação entre orações (parte maior que termo/sintagma) não se pode dizer que o grau de complexidade ganhe pontos em seu favor. Isso porque as orações que constituem esse enunciado também são simples, desprovidas de misturas – como as que se dão entre diferentes tipos oracionais, envolvendo subordinação e coordenação, por exemplo – que costumam ser muito comuns nos textos produzidos pelos falantes da língua. A seqüência **prende Francisco E libertou suas prisioneiras** se encaixa no modelo mais comum de coordenação de orações, em que a união se dá entre dois sintagmas verbais (**prende/libertou**) + complementos (**Francisco/suas prisioneiras**), sendo que cada um desses termos está presente numa das orações conectadas.

A partir da ocorrência (07), entretanto, os enunciados deixam de ser tão simples e banais como os anteriores. Em ocorrências como as quatro últimas, a conjunção **E** assume certa dose de complexidade, na medida em que seu emprego foge aos modelos repetidamente apresentados pelas gramáticas brasileiras, principalmente as normativo-pedagógicas.

No caso da ocorrência (08), por exemplo, a aditiva E é empregada com o objetivo de reforçar o que foi dito anteriormente, funcionando como uma espécie de **aposto**. Ocorrências desse tipo não são dotadas de grande complexidade. O que as tornam merecedoras de comentários é o fato de não serem contempladas na maioria dos manuais de gramática.

A ocorrência (09), por sua vez, estabelece um tipo de união que contraria a regra da coordenação, que diz que esse fenômeno lingüístico liga enunciados ou partes deles que têm alguma identidade semântica. Nesse exemplo, entretanto, os termos **mudança** e **tanto** nada têm de próximos ou similares. O emprego de E, nesse caso, funciona mais ou menos como uma expressão cristalizada: **E TANTO**. Desse modo, a análise da conjunção não deve ser desvinculada da expressão que se segue.

Os dois últimos exemplos ilustrativos (11) e (12) oferecem uma pequena amostra do alto poder de relação da aditiva E, que é o elemento gramatical responsável pela conexão de partes do enunciado, muitas vezes, de difícil recuperação. Nessas situações, a conjunção se apresenta de forma mais elaborada, exigindo do leitor a consideração do que vem antes e depois dela para que o enunciado seja totalmente compreendido. É o que acontece com a ocorrência (12), em que a aditiva E funciona como um arremate da oração anterior, funcionando, ao mesmo tempo, como o termo introdutório para o que vem a seguir.

Assim, pode-se afirmar que a análise de um *corpus* constituído de ocorrências efetivamente realizadas comprova que E é capaz de estabelecer a coordenação lingüística em diferentes níveis. No entanto, são poucas as gramáticas do Português que reconhecem tal verdade. A grande maioria delas trata do fenômeno coordenativo ao nível da oração, como se esse fosse o verdadeiro escopo dos itens conectivos. Tal forma de tratamento ignora a capacidade que as prototípicas conjunções coordenativas têm de introduzir um parágrafo, um capítulo, ou até mesmo uma obra inteira.

Guimarães (2001) é um desses poucos estudiosos que percebem a abrangência e a multifuncionalidade das conjunções coordenativas. Segundo ele, esses elementos podem aparecer não somente entre orações de um mesmo período, mas também encadeando orações de períodos diferentes ou encadeando parágrafos entre si. Por esse motivo, o autor diz que as conjunções coordenativas devem ser consideradas como **operadores do discurso**.

Pensando na conjunção E como um operador do discurso, compreendem-se as variadas facetas apresentadas por esse elemento conectivo em situações também diversificadas, o que, talvez, não seria possível se se considerasse tal elemento somente como mais um item lingüístico estrutural com valor essencialmente sintático.

## 2. Os valores adquiridos pela conjunção E

A maioria dos estudos que tratam da conjunção E costuma apresentar e discutir somente algumas situações em que esse elemento conectivo cumpre sua função de **adição**, a qual, em realidade, constitui seu valor mais comum. Tanto é verdade que é a partir de tal função que E passou a ser denominada **conjunção aditiva** ou **copulativa**.

Não se deve deixar de discutir, entretanto, os outros valores não-aditivos incorporados pelo conectivo em questão, os quais nem sempre são descritos nos estudos que se debruçam sobre a coordenação lingüística, mais especificamente sobre sua representante mais significativa: a conjunção E.

Na verdade, a versatilidade desse conectivo é tão grande que não são poucos os valores não-aditivos assumidos por ele, embora a conotação aditiva seja a mais lembrada e recorrente.

Neves (2000:742), tratando da natureza da relação aditiva, cita algumas situações em que a conjunção E foge ao seu valor aditivo, o qual é mais *neutro*, segundo a autora funcionalista. Assim, dependendo do tipo de enunciado, o E pode estabelecer ligações semânticas marcadas (menos neutras), evidenciando relações de **contraste** e de **causa-conseqüência**, por exemplo.

Cunha e Cintra (1985:568), num item à parte, também arrolam os **valores particulares** que algumas conjunções podem assumir no discurso. No caso da conjunção E, esses autores mencionam os seguintes valores particulares a ela associados: adversativo, concessivo, de conseqüência/conclusão, de finalidade e valor consecutivo.

Além desses valores, segundo Cunha e Cintra (*op.cit*) a conjunção E pode ainda:

- introduzir uma explicação enfática;
- iniciar frases de alta intensidade afetiva, desempenhando quase o mesmo valor das interjeições;
- facilitar a passagem de uma idéia a outra, mesmo que não relacionadas.

Para Bechara (1999), o que prevalece é a relação aditiva em si, não importando o(s) sentido(s) que uma conjunção coordenativa possa assumir em determinadas situações lingüísticas. A partir de tal afirmação, percebe-se que, caso se estabeleça uma hierarquia, a relação aditiva é superior, primária, sendo que os demais sentidos porventura adquiridos pelas conjunções coordenativas, no caso E, são inferiores e/ou secundários.

Ikeda (1987), tratando especificamente dos valores não-aditivos assumidos pelo conectivo E, propõe que se admita a existência de dois conectivos E: um aditivo propriamente dito e, outro, também aditivo, porém acrescido de uma idéia secundária, a qual poderia ser qualquer uma das que foram apontadas por Guimarães (2001), Bloom *et al.* (1980), Cunha e Cintra (1985), Yamanashi (1989), Bechara (1999), Neves (2000), dentre vários outros autores.

Diferentemente das posições apresentadas até o momento, Camacho (1996:247), adotando as idéias defendidas por Sweetser (1991) e Horn (1985), prefere considerar a conjunção aditiva E como **pragmaticamente ambígua**, o que significa dizer que “*aplica-se uma análise semântica de diferentes maneiras de acordo com o contexto pragmático*”.

Por meio de uma análise funcional-cognitiva, em que se associam componentes representantes das funções ideacional, interpessoal e textual de Halliday e Hasan (1976), Camacho (*op.cit.*) analisa a conjunção acima mencionada, em suas manifestações discursivas.

Refletindo sobre esses variados matizes semânticos apresentados pela conjunção coordenativa E, decidiu-se verificar se esses mesmos valores apontados anteriormente, ou talvez outros diferentes, aparecem nos textos técnicos e jornalísticos que servem como material de apoio para esta pesquisa.

Desse modo, apresentam-se a seguir os enunciados, presentes no *corpus* de análise, dotados de uma carga semântica que extrapola a adição. Nesses casos, o valor aditivo, quando presente, não invalida outras conotações, como **conseqüência**, **conclusão**, dentre outras:

13) Hillary cometeu muitos erros na sua proposta de reforma do sistema médico americano **E** acabou se tornando um bode expiatório. (L.J – P.B.); (conseqüência)

14) Um grupo de aliados partiu para cima de Benjamin com o intuito de surrá-lo. Liderando algumas dezenas de exaltados, o ex-deputado Valdir Ganzer correu na direção de Benjamin de punho cerrado **E** conseguiu afastá-lo do microfone. (L.J – P.B.); (conclusão)

15) Tem-se um ar disso ou daquilo, como quem tem o rei na barriga ou comeu **E** não gostou. (L.T – P.B.). (valor adversativo)

Diante das variadas possibilidades de significação adquiridas pela conjunção E – algumas das quais acima exemplificadas - certas indagações persistem, tais como: que atributos especiais possui esse item gramatical, para que ele seja considerado um “**coringa**” lingüístico, como classificam Peterson e McCabe (1987).

Na tentativa de se responder ou, pelo menos, se pensar sobre a questão acima proposta, seria pertinente recorrer a algumas considerações dos estudiosos que se dedicam a assuntos ligados à aquisição da linguagem.

Peterson e McCabe (1987) afirmam que o E é o primeiro conectivo usado para a construção dos enunciados de uma criança. Segundo esses autores, tal afirmação foi constatada por vários pesquisadores que investigam a aquisição de línguas como o inglês, o italiano e o alemão, por exemplo. Além de ser o primeiro conectivo usado pela criança, o E mostrou-se, durante a pesquisa de Peterson e McCabe (*op.cit.*), ser um elemento altamente persistente na comunicação das crianças, sendo que, mesmo quando elas adquirem novas formas de conexão, talvez até mais eficazes para a expressão do que querem dizer, o E se mantém tão freqüente como antes.

Também analisando a importância do conectivo E na comunicação de crianças, Badzinski (1988) comprova que esse é um tipo de elo que não diminui com o aumentar da idade da criança, fato que contrariou uma das hipóteses levantadas para o estudo dessa autora. Badzinski (*op.cit.*) afirma que os conectivos aditivos são usados com diversas finalidades diferentes nos enunciados em que aparecem, sendo que a freqüência de tal uso independe da fase de desenvolvimento do falante.

### 3. Considerações finais

Por meio dessa breve exposição, confirma-se que a conjunção E é de tal forma usual na língua que se constitui em um item tão comum na infância como em qualquer outra fase da vida de um indivíduo.

Pode-se dizer, então, que a altíssima freqüência da conjunção coordenativa E nos discursos produzidos pelos falantes de uma determinada língua, assim como seu inquestionável valor polissêmico, fa-



zem que esse conectivo adquira características diferenciadas e, de certa forma, justifiquem a numerosa bibliografia existente sobre ele.

Dessa maneira, tem-se a consciência de que não se esgotam aqui as possibilidades semânticas do item lingüístico E. No entanto, não há como negar que o Português escrito contemporâneo está muito bem servido de enunciados, nos quais o conectivo em questão desempenha múltiplas funções, o que, na verdade, é coerente com as variadas necessidades comunicativas do falante moderno.

MESQUITA, E. M. C. The realization of additive “and” in technical and journalistic texts.

**Abstract:** *Based on the effectively realized statements, this paper aims to show the high polissemic value of additive “and” in Portuguese language:.*

**Keywords:** *conjunction; additive; grammar; use.*

#### 4. Referências

ABREU, A. S. de. Coordenação e subordinação: uma proposta de descrição gramatical. **Alfa**, São Paulo, v. 41, p.13-37, 1997.

BADZINSKI, Diane M. Cohesion in children’s discourse: assessment of cognitive development. **Journal of Applied Communication Research** 16, 113-125, 1988.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BLOOM, Louis *et al.* Complex sentences: acquisition of syntactic connectives and the semantic relations they encode. **Journal of Child Language** 7, 235-61, 1980.

BORBA, Francisco da Silva. Sistemas de preposições em português. São Paulo, 1971. Tese (Livre-Docência em Lingüística e Letras Orientais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CAMACHO, Roberto G. Usos discursivos da conjunção aditiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** 26, 247-53, 1996.